

# Princípio da Não-Retrogradação dos Espíritos

O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros seguidores nenhum motivo de discussão de palavras

Allan Kardec

**T**endo sido várias vezes levantadas questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, vamos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros seguidores nenhum motivo de discussão de palavras. Por isso, todos os pontos susceptíveis de interpretação serão elucidados sucessivamente.

## *Evolução dos Espíritos*

Os Espíritos não retrogradam, no sentido de que nada perdem do progresso realizado. Podem ficar momentaneamente estacionários. Mas de bons não podem tornar-se maus, nem de sábios, ignorantes. Tal é o princípio geral, que só se aplica ao estado moral e não à situação material, que de boa pode tornar-se má, se o Espírito a tiver merecido.

Façamos uma comparação.

Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduz às galés. Certamente há para ele uma grande descida como posição social e como bem-estar material. À estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção. Entretanto, ele nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão as suas faculdades, os seus talentos, os seus conhecimentos. É um homem decaído e é assim que devem ser compreendidos os Espíritos decaídos. Deus pode, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar de um mundo onde não terão progredido moralmente aqueles que O tiverem desconhecido, que se tiverem rebelado contra as Suas leis, mandando que expiem os seus erros e o seu endurecimento num mundo inferior, entre seres ainda menos adiantados. Aí serão o que eram antes, moral e intelectualmente, mas numa condição infinitamente mais penosa,

pela própria natureza do globo e, sobretudo, pelo meio no qual se acharem. Numa palavra, estarão na posição de um homem civilizado forçado a viver entre os selvagens ou de um homem educado, condenado à sociedade dos forçados. Perderam a posição e as vantagens, mas não regrediram ao estado primitivo. De adultos não se tornaram crianças. Eis o que se deve entender pela não-retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recommençar. Em sua bondade, Deus não os quer deixar por mais tempo entre os bons, cuja paz perturbam. Por isso, os envia entre homens que terão por missão fazer estes últimos progredirem, ensinando-lhes o que sabem. Por esse trabalho poderão eles próprios adiantar-se e se resgatarem, expiando as faltas passadas, como o escravo que pouco a pouco economiza para um dia comprar a liberdade. Mas como o escravo, muitos só

economizam dinheiro, em vez de amontoar virtudes, as únicas que podem pagar o resgate.

Essa tem sido, até agora, a situação de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes. Tal a razão pela qual há tantas amarguras aqui, e que estão longe de sentir no mesmo grau os povos selvagens. Há, certamente, retrogradação do Espírito no sentido de que recua seu caminho, mas não do ponto de vista de suas aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua derrota social lhe é mais penosa. É assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

### *Justiça da Reencarnação*

Segundo um sistema que tem algo de especioso à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para se encarnarem e a encarnação não seria senão o resultado de sua falta. Tal sistema cai pela mera consideração de que se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens na Terra, nem em outros mundos. Ora, como a presença do homem é necessária para o melhoramento material dos mundos, como ele concorre por sua inteligência e sua atividade para a obra geral, ele é uma das engrenagens essenciais da criação. Deus não podia subordinar a realização desta parte de sua obra à queda eventual de suas criatu-

ras, a menos que se contasse para tanto com um número sempre suficiente de culpados para fornecer operários aos mundos criados e por criar. O bom senso repele tal idéia.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, realizando a sua missão providencial, trabalha seu próprio adiantamento pela atividade e pela inteligência, que deve desenvolver, a fim de prover à sua vida e ao seu bem-estar. Mas a encarnação torna-se uma punição quando, não tendo feito o que devia, o Espírito é constrangido a recomeçar sua tarefa e multiplica suas existências corpóreas penosas por sua própria culpa. Um estudante só é graduado após ter passado por todas as classes. Suas classes são um castigo? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu progresso. Mas se, pela preguiça, for obrigado a repeti-las, aí é uma punição. Poder passar em algumas é um mérito. O que, pois, é certo é que a encarnação na Terra é uma punição para muitos que a habitam, porque poderiam tê-la evitado, ao passo que, talvez, a repetiram, duplicaram, centuplicaram por sua própria culpa, assim retardando sua entrada em mundos melhores. O que é errado é admitir, em princípio, a encarnação como um castigo.

### *Livre arbítrio e Progresso*

Outra questão muitas vezes agitada é esta: tendo sido criado simples e ignorante, com a liberdade de fazer o bem ou o mal, não



há para o Espírito uma queda moral se tomar o mau caminho, desde que chegue a fazer o mal que não fazia antes?

Essa proposição não é mais sustentável que a precedente. Só há queda na passagem de um estado relativamente bom a um pior. Ora, criado simples e ignorante, o Espírito está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual como a criança que acaba de nascer. Se não fez o mal, também não fez o bem. Nem é feliz, nem infeliz. Age sem consciência e sem responsabilidade. Desde que nada tem, nada pode perder, como não pode retrogradar. Sua responsabilidade só começa no momento em que se desenvolve o seu livre arbítrio. Seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e raciocinada. Conseqüentemente, o mal que fizer mais

tarde, infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhe foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a conseqüência do mau caminho por onde entrou.

### ***Testemunhando as Aquisições Morais***

Isso nos conduz a outra questão. Por exemplo, Nero pode, como Nero, ter feito mais mal que bem na sua precedente encarnação? A isso respondemos sim, o que não implica que na existência em que tivesse feito menos mal fosse melhor. Para começar, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal. Como a posição de imperador colocou Nero em evidência, seus feitos foram mais notados; numa existência obscura podia ter cometido atos também repreensíveis, posto que em menor escala e que passaram inapercebidos. Como soberano pode incendiar uma cidade; como simples particular pode queimar uma casa e fazer perecer a família. Tal um assassino vulgar que mata alguns viajantes para os despojar, se estivesse no trono seria um tirano sangüinário, fazendo em grande escala o que a posição só o permite em escala reduzida.

Considerando a questão de outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência que na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isto implique uma degeneração moral. Muitas vezes são as ocasiões que faltam para fazer o mal; quando o princípio existe latente, vem a ocasião e os maus

instintos se descobrem. A vida ordinária nos oferece numerosos exemplos: tal homem, que era tido como bom, de repente revela vícios dos quais ninguém suspeitava, e que causam admiração. É simplesmente porque soube dissimular ou porque uma causa provocou o desenvolvimento do mau germe. É bem certo que aquele em quem os bons sentimentos estão fortemente arraigados não tem nem mesmo o pensamento do mal. Quando tal pensamento existe, é que o germe existe: às vezes, apenas falta a execução.

**Cada existência é uma ocasião de progresso para o Espírito: ele desenvolve a inteligência, adquire experiência e conhecimentos que o ajudarão a progredir moralmente.**

Depois, como dissemos, o mal, posto que sob diferentes formas, não deixa de ser o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma porção de atos diversos, provenientes de uma mesma causa. O orgulho, por exemplo, pode fazer cometer um grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Um homem pode, pois, numa existência ter defeitos que não teria manifestado numa outra e que não são senão conseqüências várias de um mesmo princípio vicioso. Para nós, Nero é

um monstro, porque cometeu atrocidades. Mas é crível que esses homens perversos, hipócritas, verdadeiras víboras, que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e pelo abuso de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegarem com mais segurança a seus fins e receberem elogios quando só merecem a execração, é crível, dizíamos nós, que valham mais que Nero? Certo que não. Serem reencarnados num Nero para eles não seria uma regressão, mas uma ocasião para se mostrarem sob nova face. Assim, exibirão os vícios que ocultam. Ousarão fazer pela força o que fariam pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova não lhes tornará o castigo senão mais terrível se, em vez de aproveitar os meios que lhes são dados para reparar, deles se servem para o mal. Entretanto, cada existência, por pior que seja, é uma ocasião de progresso para o Espírito: ele desenvolve a inteligência, adquire experiência e conhecimentos que, mais tarde, o ajudarão a progredir moralmente.



Adaptado do Artigo:

1) Do Princípio da Não-Retrogradação do Espírito. Kardec, Allan. *Revista Espírita*. Junho de 1863. Páginas 163 à 166. Tradução de Júlio Abreu Filho. Ed. Edicel.